

Noturnos de Pessoa: Noite, Morte & Temporalidade nos Sonetos de Fernando Pessoa

Carlos Pittella*

Ensaio dedicado a Christian Toth,
que enxerga a filosofia Advaita Vedanta em Pessoa.

Keywords

Pessoa, Lyric, Sonnet, Night, Death, Temporality

Abstract

Fernando Pessoa wrote at least two dozen sonnets about the night, including texts both in English and in Portuguese, poems both published and unpublished, verses both orthonymic and attributed to some of the many characters of Pessoa. Though representing a minimal *corpus* in comparison with the whole works of the poet, these “nocturnal sonnets” allow us to take a privileged snapshot of the presence of Night in Pessoa’s poetry, a presence inseparable from the themes of Death and Temporality. I propose, therefore, to explore at least one poem for each possible combination of the themes “Night”, “Death” and “Temporality” in the Pessoaan sonnets. Analyzing a total of seventeen texts with facsimiled originals (including an unpublished sonnet in English), I am instigating – far from exhausting – the study of those motifs in Pessoa.

Palavras-chave

Pessoa, Lírica, Soneto, Noite, Morte, Temporalidade

Resumo

Fernando Pessoa escreveu pelo menos duas dúzias de sonetos sobre a noite, incluindo textos tanto em Inglês quanto em Português, poemas tanto publicados quanto inéditos, versos tanto ortônimos quanto atribuídos a algumas das muitas personagens de Pessoa. Ainda que representem um *corpus* mínimo em comparação à obra pessoana como um todo, estes “sonetos noturnos” permitem tirar uma fotografia privilegiada da presença da Noite na poesia de Pessoa, uma presença indissociável dos temas da Morte e da Temporalidade. Proponho-me, pois, a explorar ao menos um poema para cada combinação possível entre os temas “Noite”, “Morte” e “Temporalidade” nos sonetos pessoanos. Analisando um total de dezessete textos com testemunhos fac-similados (incluindo um soneto inédito em Inglês), visto aqui a instigar – longe de esgotar – o estudo dessas constantes em Pessoa.

* Educador do Global Citizenship Institute, Chicago.

Texto adaptado de capítulo de tese de doutoramento inédita, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.

Sou um universo morto que medita.
Fernando Pessoa¹

1. A Lua

Há o Noturno de Frédéric Chopin em Mi Bemol Maior (Opus 9, n.º 2), tão célebre, que é comumente chamado de “O Noturno de Chopin”, como se fosse o único, como se fosse a própria encarnação da Noite. Há a “Sonata ao Luar” de Ludwig van Beethoven, e seu início hipnoticamente melancólico: imediatamente vê-se o firmamento aceso. Ambas as peças para piano entraram para a história da música erudita como arquétipos do anoitecer. A música é mesmo filha da noite, diria – talvez exagerando – algum compositor romântico.

“She walks in beauty, like the night”, de fato disse Lord Byron num de seus mais famosos versos. “La luna vino a la playa”, celebrou Federico García Lorca na abertura de seu *Romancero Gitano* (1928). Numa palestra em Harvard em 1967, Jorge Luis Borges confessou seu desejo de dedicar um ensaio especialmente à lua, que brilhou em vários poemas seus.² De fato, sem a noite, ou sem sua sinédoque, a lua, dificilmente existiria a poesia lírica tal como a conhecemos; e dificilmente existiriam determinados sonetos, uma forma poética que estabeleceu uma relação especial, íntima, com a noite e as múltiplas conotações do seu campo semântico.

Tal como há sonatas e sonatinas noturnas no mundo da música, também há sonetos que anoitecem, no caso da poesia, em geral, e no caso dos sonetos noturnos de Fernando Pessoa, em particular.

A ambiência da Noite³, as muitas faces da Morte e a passagem do Tempo são constantes na obra pessoana, tanto na lírica ortônima, quanto nos textos atribuídos aos heterônimos. Nos sonetos editados de Pessoa, tais presenças surgem tanto isoladamente, quanto em todas as concorrências possíveis desses três elementos:

1. Noite
2. Morte
3. Temporalidade
4. Noite & Morte
5. Noite & Temporalidade
6. Morte & Temporalidade
7. Noite, Morte & Temporalidade

¹ Verso do poema “O Halo Negro II – *Abyssum Invocat*” (c. 22-7-1925). BNP/E3, 59-59, isto é, Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio 3, envelope 59, folha 59.

² Vejam-se, notoriamente, os dois poemas igualmente intitulados “La Luna” (BORGES, 2011: 121-124 e 450).

³ Escrevo Noite, Morte e Temporalidade com maiúsculas sempre que me referir aos temas pessoanos de que trata este artigo – e não aos substantivos comuns.

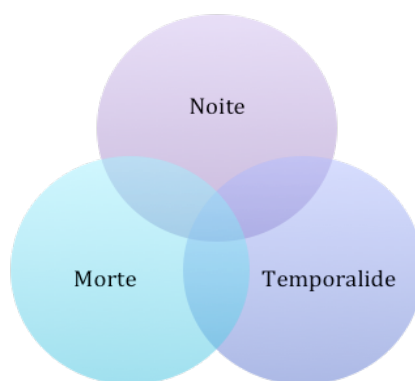


Fig 1. Diagrama com os temas da Noite, da Morte e da Temporalidade

Neste ensaio, visitaremos pelo menos um soneto pessoano para cada um dos conjuntos da interseção acima – visando a instigar, e não esgotar, a investigação desses temas em Pessoa, visto que há outros sonetos capazes de ilustrá-los. Limitamo-nos, pois, a uma leitura sem pretensões de selar o estudo da Noite na lírica pessoana; nesse sentido, algumas explicações são necessárias.

Primeiramente, parece-nos impossível isolar completamente a presença da Noite ou da Morte ou da Temporalidade, mesmo quando uma delas pareça predominar: como evocar a Noite sem a Temporalidade inerente ao ato de anoitecer? Ou como pensar na Morte sem sua cúmplice metáfora (ora apaziguante, ora aterradora) da Noite? Os campos semânticos desses signos estão demasiado enovelados para uma divisão exata. Portanto, ainda que os separemos num primeiro momento, a fim de entendê-los melhor, não poderíamos reivindicar o isolamento final.

Em segundo lugar, aqui não pretendemos esmiuçar as diferenças entre as atitudes poéticas dos heterônimos e do ortônimo perante estes signos noturnos – o que seria assunto bastante para ocupar outros estudos. Ao referir sonetos tanto em inglês quanto em português, tanto atribuídos ao ortônimo quanto a outras personagens do universo pessoano, nossa intenção não é ignorar as peculiaridades das distintas partes da obra do poeta, mas apenas ilustrar que, no labirinto lírico de Fernando Pessoa, Noite, Morte e Temporalidade manifestam-se de maneiras várias e surpreendentes.

Em terceiro e último lugar, nenhum estudo dos sonetos noturnos de Pessoa poderia querer-se final, pelo menos não até que toda a lírica pessoana seja editada. A poesia inglesa de Pessoa ainda se encontra em grande parte por editar (PIZARRO, 2012: 158), havendo sonetos inéditos sobre a noite, como é o caso do poema a seguir, que transcrevemos com a colaboração de Patrício Ferrari:

Moonlight Sonnets

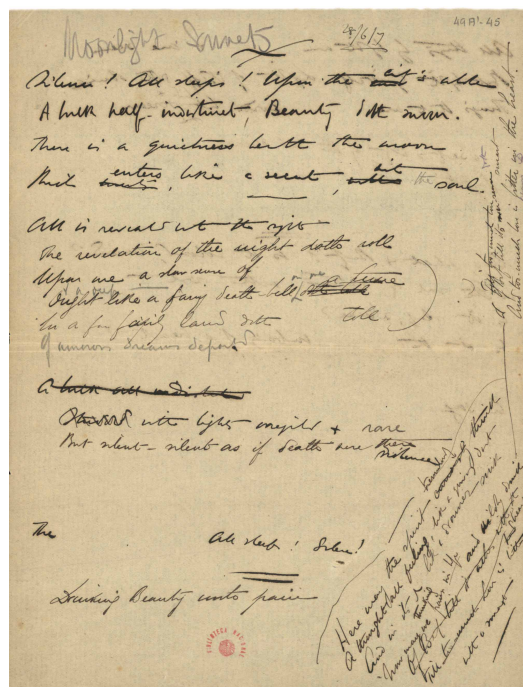
28/6/7

Silence! All sleeps! Upon the city's whole
A bulk half-indistinct, Beauty doth swoon.
There is a quietness beneath the moon
Which enters, like a scent, into the soul.

- 5 The revelation of the night doth roll
Upon me a slow sense of []
& a deep death-bell in me a tune
In a far fairy land doth [] toll

- 10 Here may the spirit tremulously think
A thought all feeling, like a quivery dart
And in its thinking like a dreamer sink

Now may we pain in life and wildly drink
& of Beauty till its ever-sense doth smart
And too-much love is heavy to the heart.



[Fig. 2. Fac-símile do testemunho BNP/E3, 49A1-45r, com o texto inédito "Moonlight Sonnets"]

[BNP/E3, 49A1-45r]

Inédito. Manuscrito a tinta preta numa folha de papel. O título e a data foram acrescentados a lápis na margem superior.

NOTAS

- 1 Silence! All sleeps! Upon the <t> [↑ city's] whole
- 4 Which <t> [↑ enters], like a scent, <*whole> [↑ into] the soul.
- 5 All is revealed unto the sight [↓ The revelation of the night doth roll]
- 7 Ought like a fairy [↑ & a deep] death-bell [↑ in me] <doth toll> [↑ a tune]
- 8 Segue-se um verso inacabado – Of amorous dreams departed – seguido de uma série de versos mais ou menos soltos, incluindo o que parece ter sido um primeiro esboço de estrambote para concluir o soneto, com rima rare e there: <A bulk all indistinct> | <Studded> with lights † & rare | But silent – silent as if death were there [↓ silence] || The [] All sleeps! Silence! Finalmente, na parte inferior da folha, após uma linha horizontal dupla, figura o que será o início de outro soneto, que continua no verso: Drinking Beauty unto pain []
- 9 Here may the spirit <curiously> [↑ tremulously] think.] este verso e os três que se seguem estão escritos no canto inferior direito da página.
- 11 And in its [↓ thinking] like a dreamer sink
- 12 Segue-se a primeira versão dos dois versos finais: <Of Beauty till it aches with the heart> | Till <too-much Love> is bitter [↑ <*hard>] with a smart
- 13 <Till too-much love> [↓ & of Beauty till its ever-sense ↑ doth smart]
- 14 And too-much love is bitter [↓ heavy] in [↓ to] the heart.

O *corpus* dos “sonetos noturnos” de Pessoa não poderia excluir justamente um texto com o título “Moonlight Sonnets” (título que, além de claramente dentro do campo semântico da noite, é indicativo de uma guirlanda com mais de um soneto). Mesmo estando incompleto, o primeiro poema desta planejada série de *Sonetos ao Luar* ecoa tanto a “Sonata ao Luar” de Beethoven, quanto os célebres versos de Lord Byron que citamos na introdução.

Se, no poema de Byron, a presença feminina caminha plena de beleza, como a noite (“She walks in beauty, like the night”), no soneto de Pessoa é a própria Lua quem parece caminhar, encantadoramente (“Beauty dooth swoon”); é como se a musa de Byron súbito se tornasse a própria Lua na poesia de Pessoa. Esta relação não parece acidental: Pessoa menciona Byron repetidamente em múltiplos ensaios, e a biblioteca do poeta português (cf. *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*, Pizarro, Ferrari e Cardillo, 2010) inclui uma edição das obras completas do escritor inglês, datada de 1905 (portanto, dois anos anterior aos “Moonlight Sonnets”).

O fato de o livro da poesia de Byron conter a assinatura de Alexander Search, pré-heterônimo de Pessoa, mereceria um estudo mais aprofundado, que poderia argumentar pela inclusão ou não dos “Moonlight Sonnets” na obra pessoana atribuída a Search. Em suma, um mero soneto inédito, ainda que incompleto, é capaz de desencadear relações inesperadas, reverberando em diversas partes do universo pessoano. Nenhum estudo pessoano será, pois, completo, até que se conheça a totalidade da obra multilíngüe de Fernando Pessoa.

2. O Sol

Como penetrar no dédalo formado pela presença da Noite, Morte e Temporalidade nos sonetos pessoanos? E, uma vez dentro, como não se perder na rede de conotações? Voltando ao diagrama de interseções (Fig. 1), comecemos pelos conjuntos unitários, buscando sonetos para representar, mais ou menos isoladamente, cada uma das palavras-chave deste artigo: Noite, Morte, Temporalidade. Entretanto, é preciso ainda definir tais termos, mesmo que de modo provisório.

Começemos pela definição da “Noite” na poesia pessoana. A noite e o anoitecer são recorrentes, não apenas nos sonetos de Pessoa, mas na obra do poeta em geral – como observou a professora Cleonice Berardinelli, em sua tese de livre docência, inédita, defendida em 1959.

Se, além de voltado para si, ele é um poeta, e um poeta angustiado pela busca do Mistério e pelos problemas do ser, é natural que lhe aprazam mais as sombras ou a claridade pálida e fria do luar, o silêncio e o sossego, propícios às fundas cogitações.

Explicar-se-á, assim, a preferência acentuada de Fernando Pessoa pela noite ou pela tarde-quase-noite. Numa poesia em que a natureza não figura como elemento independente e sim como motivo criador de ambiente poético, às vezes com valor metafórico, é apreciável a insistência com que a noite aparece, tão presente, tão real, tão participante dos sentimentos do Poeta que ele lhe dá figura entre humana e divina e a ela se dirige com calor e ternura raros nele.

[Nota de rodapé na mesma pág.] Do levantamento estatístico que fizemos dos oito volumes da poesia de F. Pessoa [ed. Ática], chegamos ao seguinte resultado: em 79% dos poemas, não há referências a hora, o que é perfeitamente natural, numa poesia essencialmente subjetiva; em 2%, há mutação de dia para noite ou vice-versa; em 13% aparecem elementos noturnos (que estudaremos miudamente⁴) e, em 6%, elementos diurnos: sol, céu azul, etc. Como se vê, a proporção dia/noite 1/2 é comprovadora do que dissemos. Além disso, a claridade do dia, a sua limpidez, o seu conteúdo de alegria e de vida vêm freqüentes vezes modificados por adjetivos ou frases que lhes atenuam o sentido. São bem raras as demonstrações de júbilo e confiança no dia que nasce [...]

(BERARDINELLI, 1959: 47)

Muitos dos sonetos pessoanos que hoje conhecemos ainda não tinham sido publicados quando a professora Berardinelli escreveu seus comentários acima, estando, então, apenas disponível a primeira edição da Ática de 1942. Por exemplo, os três sonetos que escolhemos para representar a pura Noite em Pessoa seriam todos publicados após 1959 (um deles, apenas em 2005). Apesar disso, cremos que o que Berardinelli constatou para outra parte da obra pessoana também valha para os poemas que apresentaremos neste ensaio.⁵

Seguindo o exemplo da pesquisa de Berardinelli, podemos adotar uma simples (porém eficaz) metodologia para definir a presença da Noite num soneto: reconhecê-la através dos elementos que a compõem ou simbolizam (estrelas, lua, escuridão, etc.), isto é, quando a própria Noite não irrompe explícita e nomeadamente, por vezes até mesmo com a inicial maiúscula.

Berardinelli, ainda, distinguiu entre Noite e os casos especiais de Anoitecer, em que Noite e Temporalidade se imiscuem. Neste ensaio, visitaremos exemplos dessa sobreposição Noite / Temporalidade, tal como casos em que o Tempo parece independente da Noite, não necessitando do anoitecer para indicar sua passagem.

Analogamente, trataremos das relações entre Morte e Noite nos sonetos de Pessoa, isto é, de casos em que uma é metáfora da outra e de casos em que elas parecem constituir signos autônomos.

A fim de concluir nossa definição de Noite através de sua antítese, façamos uma última exclamação: que grande a diferença entre os modos como Fernando Pessoa e Antero de Quental enxergam a Noite!

⁴ Mantenho a ortografia da tese de Berardinelli, com crases e tremas que já não se empregam. A tese não está publicada; uma cópia digital foi-nos gentilmente cedida pela professora; sigo aqui a paginação dessa cópia.

⁵ Ver também os artigos reunidos no volume *Fernando Pessoa: Outra vez te revejo* (2004).

A intromissão de Antero neste artigo pessoano não é despropositada: Berardinelli (1965) e Maria Helena Nery Garcez (1981) puseram sonetos de Pessoa lado a lado aos de Antero, a fim de estudar melhor os versos pessoanos. Patricio Ferrari (2010) editou traduções parciais dos sonetos de Antero feitas por Pessoa (que planejou publicá-los vertidos para o Inglês). Tantas vezes louvado por Pessoa, Antero não poderia ver a Noite de modo mais diferente. Para fins de ilustração, visitemos um célebre soneto anteriano em que a noite é desprezada:

Mais Luz!

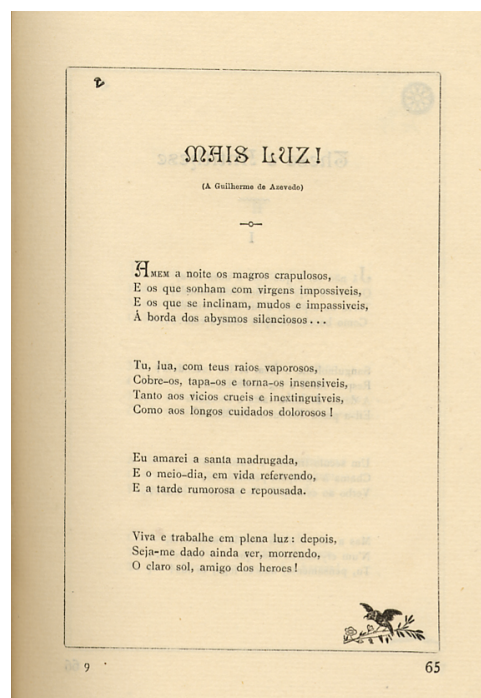
(A Guilherme de Azevedo)

Amem a noite os magros crapulosos,
E os que sonham com virgens impossíveis,
E os que se inclinam, mudos e impassíveis,
À borda dos abysmos silenciosos...

Tu, lua, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os e torna-os insensíveis,
Tanto aos vícios crueis e inextinguíveis,
Como aos longos cuidados dolorosos!

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida referendo,
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz: depois,
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro sol, amigo dos heroes!



[Fig. 3. *Mais Luz!*, soneto de Antero de Quental; cf. Quental, 1886: 65]

No universo pessoano, o único *herói amigo do sol* – ou ao menos o único que podia sê-lo incondicionalmente – é o heterônimo Alberto Caeiro, que mesmo na hora da sua morte (dramatizada por Pessoa) se lembra de saudá-lo, ao sol, sem saudade (com trocadilho saudar / saudade, pois, para Caeiro, o tempo presente é o único que conta):

É talvez o último dia da minha vida.
Saudei o sol, levantando a mão direita,
Mas não o saudei para lhe dizer adeus.
Fiz sinal de gostar de o ver ainda, mais nada.

(Pessoa, 1994: 152)

No célebre poema V de *O Guardador de Rebanhos* (PESSOA, 1994: 28-30), Caeiro chega a diagnosticar como “falta de sol” a “doença” do pensamento:

Quem está ao sol e fecha os olhos,

Começa a não saber o que é o sol
 E a pensar muitas cousas cheias de calor.
 Mas abre os olhos e vê o sol,
 E já não pode pensar em nada,
 Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
 De todos os filósofos e de todos os poetas.

Em forma e conteúdo, o Mestre Caeiro é o oposto – mais oposto possível – de Fernando Pessoa ortônimo; os versos livres caeirianos são a forma mais radicalmente oposta aos sonetos que agora investigamos. Logo, não é de admirar a *admiração* pela noite nos sonetos de Pessoa (e de seus pré-heterônimos, tais como Alexander Search e Vicente Guedes), oposta em tema e forma à amizade que Caeiro nutria pelo sol.

3. A Noite

Mesmo em busca de uma imagem pura (ou o mais pura possível) da Noite pessoana, isolada (ou o mais isolada possível) dos elementos Morte & Temporalidade, o que encontramos não é uma noite exterior, escurecendo a paisagem, mas sim uma *noite da alma*, interior ao poeta. O anoitecer, mesmo que a princípio exista fora do eu-lírico, logo se interioriza, como ocorre neste soneto atribuído a Alexander Search.

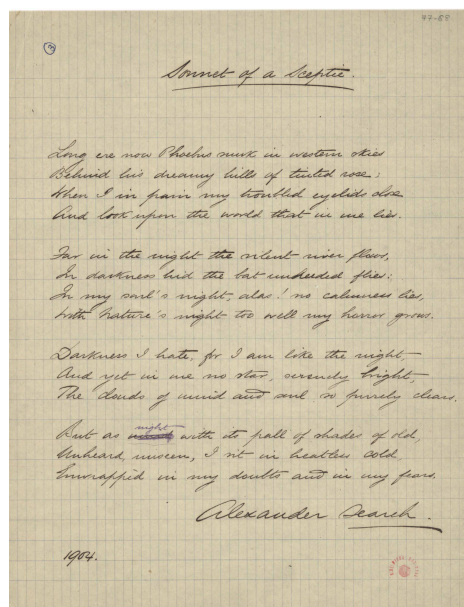
Sonnet of a Sceptic

Long ere now Phoebus sunk in western skies
 Behind his dreamy hills of tinted rose;
 When I in pain my troubled eyelids close
 And look upon the world that in me lies.

For in the night the silent river flows,
 In darkness hid the bat unheeded flies:
 In my soul's night, alas! no calmness lies,
 With Nature's night too well my horror grows.

Darkness I hate, for I am like the night,
 And yet in me no star, serenely bright,
 The clouds of mind and soul so purely clears.

But as night with its pall of shades of old,
 Unheard, unseen, I sit in heatless cold,
 Enwrapped⁶ in my doubts and in my fears.



[Fig. 4. Poema de Alexander Search, datado de 1904, BNP/E3, 77-68; cf. PESSOA, 1997: 143-144]

⁶ Mantenho a ortografia pessoana sempre que apresento o fac-símile de um testemunho, seja em português (com ortografia hoje considerada arcaica), seja em inglês (com acentos graves a indicar sílabas poéticas, como no caso de “en-wra-ppèd” neste soneto).

Na primeira estrofe, o poeta evoca o Sol / Febo (do grego *Phoibos*, “radiante”, epíteto de Apolo, deus da luz, do sol). Embora introduzido na abertura do soneto, este Sol há muito já se havia afundado nos céus ocidentais (“Long ere now Phoebus sunk in western skies”). Estamos, pois, em plena Noite.

Ainda no primeiro quarteto, o poeta, em dor, cerra os olhos, passando a olhar para a noite que há dentro de si (“look upon the world that in me lies”). Este cerrar de olhos é *antônimo* do “abrir de olhos” caeiriano; os olhos bem fechados geram a escuridão de idéias temerosas (ou, como diria Caeiro, “cheias de calor”).

No segundo quarteto, surge plena a Noite da Alma (“my soul’s night”), cujo horror cresce simultaneamente à noite da Natureza (“With Nature’s night too well my horror grows”). O morcego negligenciado (“the bat unheeded”), símbolo da noite, surge de modo aterrorizador.

Este *horror* presente no eu-lírico, que paradoxalmente também é fascínio pela noite, está relacionado à própria biografia do poeta, que tinha dificuldades em dormir desde os tempos de Alexander Search. Segundo o biógrafo José Paulo Cavalcanti Filho, Pessoa sofria de uma “insônia permanente”: “São noites de horror, desde os tempos da África, pairando ‘como morcegos desde a passividade da alma’ [...] Deita-se, por horas, e não dorme. [...] Sua noite, por tudo, é de um ‘sono que não consigo ter’” (2011: 99).

Voltando ao poema: nos tercetos, o poeta investiga sua identidade com a noite, pesando um elaborado contraste seguido de comparação. Analisemos o raciocínio:

Identidade: “Darkness I hate, for I am like the night”. Mesmo que odeie a escuridão, o eu-lírico *é como a noite*; ou talvez seja ele como a noite justamente porque a odeie, como se esse ódio só lhe fosse possível por conhecer muito bem o objeto de seu ódio; conhece-o bem, porque é como ele.

Contraste: “And yet in me no star, serenely bright, | The clouds of mind and soul so purely clears”. No entanto, diferentemente da noite, o eu-lírico não goza de estrelas a clarear as nuvens da mente e da alma; trata-se, pois, de uma noite interior, ainda mais escura que a da natureza, donde o horror e o ceticismo do eu-lírico.

Comparação: “But as night with its pall of shades of old, | Unheard, unseen, I sit in heatless cold, | Enwrapped in my doubts and in my fears”. No entanto (em oposição ao contraste anterior, oposição da oposição), mesmo que seja distinto da noite (por não ter estrelas apaziguadoras dentro de seu nublado céu interior), o eu-lírico é ainda como ela: com seu cobertor de antigas sombras, como a noite ele fica esquecido em frio, embrulhado em suas dúvidas e medos.

Compare-se este terrível *cobertor de sombras*, representante da obra de um jovem Pessoa em 1904, com o magnífico manto noturno do poema “Infante Dom Henrique”, em *Mensagem*, publicado 30 anos mais tarde, um ano antes de Pessoa falecer.

Em seu throno entre o brilho das esferas,
Com seu manto de noite e solidão,
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras –
O unico imperador que tem, deveras,
O globo mundo em sua mão.

(PESSOA, 1934: 43)

O herói luso do poema acima também se identifica com a noite; ao contrário de Search, porém, ele conta com a iluminação do “brilho das esferas”, não havendo ceticismo nem medo, mas apenas glória inigualável em seu “manto de noite e solidão”.

Visitemos, brevemente, outros dois sonetos em que protagoniza a Noite. O primeiro deles intitula-se mesmo “Noite”, tendo sido assinado tanto por Vicente Guedes⁷ como por Fernando Pessoa; no segundo testemunho (ortônimo) figura esta afirmação: “a noite é tudo”.

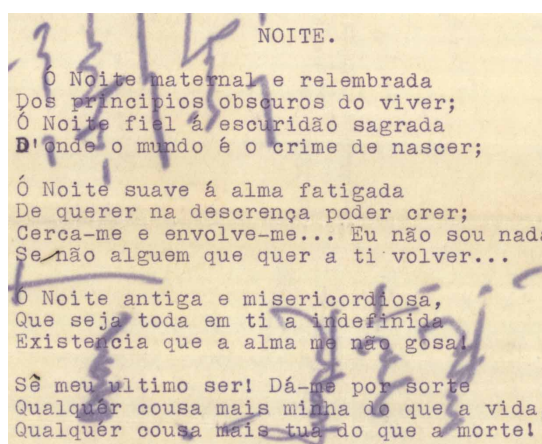
Noite

Ó Noite maternal e lembrada
Dos principios obscuros do viver;
Ó Noite fiel á escuridão sagrada
D'onde o mundo é o crime de nascer;

Ó Noite suave á alma fatigada
De querer na descrença poder crer;
Cerca-me e envolve-me... Eu não sou nada
Senão alguém que quer a ti volver...

Ó Noite antiga e misericordiosa,
Que seja toda em ti a indefinida
Existencia que a alma me não gosa!

Sê meu ultimo ser! Dá-me por sorte
Qualquer cousa mais minha do que a vida,
Qualquer cousa mais tua do que a morte!



[Fig. 5. Poema atribuído a Vicente Guedes e, posteriormente, a Fernando Pessoa, datado de 5-3-1910; BNP/E3, 16-12^r; cf. PESSOA, 2005b: 89-90]

⁷ Há dois testemunhos deste poema: o datiloscrito de cota BNP/E3, 16-12^r, fac-similado acima, e o manuscrito de cota BNP/E3, 36-3, onde se encontra a assinatura de Vicente Guedes, um pré-heterônimo que surge por volta de 1907 e, segundo Pessoa, acaba por morrer de tuberculose, tal como Caeiro (CAVALCANTI-FILHO, 2011: 399). Embora a atribuição final do texto seja ao ortônimo, é interessante notar que Pessoa freqüentemente oscilava nas atribuições, havendo poemas que chegaram a contar com três assinaturas diferentes (por exemplo: Anon, Search e Pessoa).

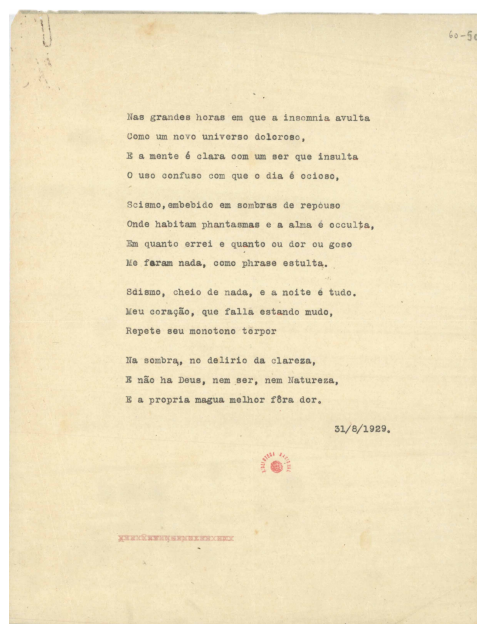
[Nas grandes horas...]

Nas grandes horas em que a insomnia avulta
 Como um novo universo doloroso,
 E a mente é clara com um ser que insulta
 O uso confuso com que o dia é ocioso,

Scismo, embebido em sombras de repouso
 Onde habitam phantasmas e a alma é occulta,
 Em quanto errei e quanto ou dor ou goso
 Me foram nada, como phrase estulta.

Scismo, cheio de nada, e a noite é tudo.
 Meu coração, que falla estando mudo,
 Repete seu monotono torpor

Na sombra, no delirio da clareza,
 E não ha Deus, nem ser, nem Natureza,
 E a propria magua melhor fôra dor.



[Fig. 6. Poema ortónimo, datado de 31-8-1929;
 BNP/E3, 60-50; cf. PESSOA, 2001: 161]

O soneto de 1910, embora intitulado “Noite”, não a define diretamente, mas a invoca, e de passagem enumera suas propriedades, numa série de vocativos... Ao fim, é o poeta quem quer pela noite definir-se, a tal ponto, que anseia ele mesmo tornar-se mais uma das propriedades dela, uma individualidade engolfada pela Noite: “sê meu último ser”. Este abraço final do ser pela Noite seria dramatizado no soneto “Abdicação V” (“Toma-me, ó Noite eterna, nos teus braços”, BNP/E3, 58-62^v), de 1917, ao qual retornaremos ao tratar da interseção final dos símbolos Noite, Morte e Temporalidade.

Se a Noite é invocada a englobar o poeta no soneto de 1910, no poema de 1929 ela de fato engole *tudo*; e a ausência que ela alastra contagia desde o coração do poeta até sua sensação de religiosidade. Eis a noite da alma em sua manifestação total: este “novo universo doloroso” da Noite é “cheio de nada”.

Ao tentarmos isolar o elemento noturno nos dois sonetos insones acima, encontramos inevitavelmente a presença da Morte: no primeiro poema, a desejada união à Noite, embora não tenha seu nome pronunciado, é a própria Morte; e no segundo soneto, a Morte paira como o grande vazio que se realiza “Nas grandes horas em que a insónia avulta”, horas em que inclusive Deus inexiste – ou “morreu”, como diria Nietzsche.

4. A Morte

Busquemos isolar, com um soneto pessoano, o tema da Morte – isto é, isolá-lo, o mais que consigamos, dos temas afins da Noite e da Temporalidade.

Abundam os sonetos pessoanos sobre a Morte, de modo que é difícil escolher apenas um que a encarne. Há, por exemplo, o grande poema-testamento de Álvaro de Campos (“Olha, Daisy, quando eu morrer...”) estudado a fundo por Garcez (1981). Em busca do poema perfeito para esse fim, deparamo-nos com a “Elegia da Morte Perfeita”.

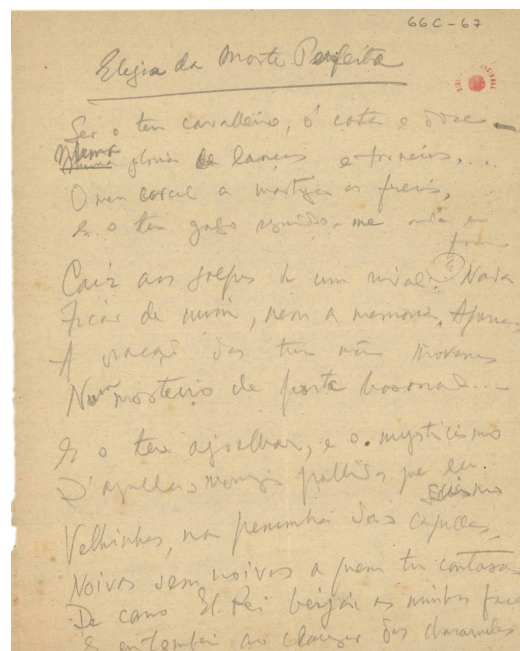
Elegia da Morte Perfeita

Ser o teu cavalleiro, ó casta e doce...
 Numa gloria de lanças e torneios...
 O meu corcel a mastigar os freios,
 E o teu galgo seguindo-me onde eu fosse

Cair aos golpes de um rival. E nada
 Ficar de mim, nem a memoria. Apenas
 A oração das tuas mãos morenas
 Num mosteiro de porta brasonada...

E o teu ajoelhar, e o misticismo
 D’aquellas monjas pallidas que eu scismo
 Velhinhas, na penumbra das capellas,

Noivas sem noivos a quem tu contasses
 De como El-Rei beijou as minhas faces
 E eu tombei ao clangor das charamelas.



[Fig. 7. Poema de Fernando Pessoa, datável entre 1914 e 1916; BNP/E3, 66C-67; cf. PESSOA, 2006: 560]

Esta elegia heróica narra, em primeira pessoa, a história de uma morte ideal: o ideal de um cavaleiro para quem a glória maior seria tombar no campo de batalha. Note-se que os tempos verbais desta elegia ocorrem numa seqüência que expande o significado da “Morte Perfeita”.

O poema desenvolve uma narração feita de meras hipóteses, cuja série finda no tombar do herói (fim das hipóteses e do soneto). A narrativa principia com o infinitivo (“Ser”), como uma lista de desejos / ideais: ser isso, fazer aquilo, quem me dera... O infinitivo é o tempo verbal mais indefinido de que dispomos em Português: linha reta, estendendo reticências semânticas tanto antes quanto após o verbo, infinito, Ser.

Nada é mais distinto do *Ser* inicial do que o tempo verbal com que o poeta encerra o soneto, pretérito perfeito do indicativo, rasgando a indefinição do infinitivo com o ponto final de um aspecto verbal perfeito, inexorável (“tombei”). Em vista dessa reflexão sobre aspectos verbais, vide também que o título do poema ganha uma nova dimensão semântica: a Morte Perfeita é narrada no último verso em pretérito perfeito, ao passo que o soneto principia infinitivo... Ao longo do poema trafegamos, pois, do tempo-modo verbal mais aberto ao mais fechado, conclusivo.

Note-se, ainda, que Antero de Quental tem um soneto intitulado “Elegia da Morte”, com cujas imagens Pessoa dialoga, tanto no soneto “Súbita mão de algum fantasma oculto” (*vide* BERARDINELLI, 1965), quanto no já citado “Nas Grandes horas em que a insónia avulta”.

Que aprendemos sobre esta Morte Perfeita? No soneto-elegia de Pessoa, não se trata de algo temido (como era o vazio de alguns sonetos sobre a Noite, de que tratamos); muito pelo contrário, o poeta *quer* a Morte, plácida, perfeita, completa... sem restar nem mesmo uma memória perturbadora além da oração da amada: “A oração das tuas mãos morenas”.

Esta completude (“feitura total”, i.e., per-feição) da Morte lembra o ideal de uma “morte sem *karma*”⁸, um conceito védico (presente no Budismo e no Hinduísmo) com que Pessoa se familiarizaria ao traduzir para o Português os fragmentos do *Livro dos Preceitos Áureos*. Tais preceitos tinham sido compilados por Helena Blavatsky, difusora da Teosofia, e a edição portuguesa seria publicada em 1916 sob o título *A Voz do Silêncio* (logo, Pessoa teria realizado a tradução por volta do mesmo tempo em que compunha a “Elegia da Morte Perfeita”). Ainda na filosofia védica, o ideal mais elevado do guerreiro (*kshátriya*, em sânscrito) seria partir do mundo sem deixar pendências (*karma*), de preferência encontrando a Morte no campo de batalha.

O querer à “Morte Perfeita” é tão grande em Pessoa, que por vezes ele se confunde com o querer à Amada, como se a própria Morte fosse a musa invocada. Num soneto-invocação de 1912, o poeta chama a Morte tal como invocou a Noite no soneto de 1910 que investigamos. Se o título do soneto de 1910 era “Noite”, este novo soneto de 1912 chamar-se-á “Mors” (personificação latina da Morte), Morte que surge desde o primeiro verso com lábios notívagos – mais uma vez tornando difícil o isolamento entre os signos Noite e Morte.

⁸ A definição desta e de outras palavras sânscritas foram consultada no *Monier Williams Sanskrit-English Dictionary* (2008).

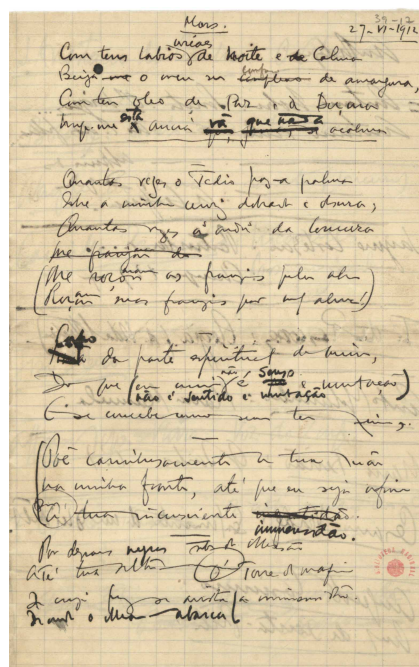
Mors

Com teus lábios irreaes de Noite e Calma⁹
 Beija o meu ser confuso de amargura,
 Com teu óleo de Paz e de Doçura
 Unge-me esta ancia vã que não se acalma.

Quantas vezes o Tédio poz a palma
 Sobre a minha cerviz dobrada e obscura;
 Quantas vezes as ondas da loucura
 Roçaram suas franjas por minha alma!

Corpo da parte espiritual de mim,
 Do que não é sentido e mutação
 E se concebe como sem ter fim,

Por degraus negros sobe da illusão
 Até tua alta Torre de marfim
 De onde o olhar abarca a immensidão.



[Fig. 8. Poema de Fernando Pessoa, datado de 27-6-1912; BNP/E3, 39-17; cf. PESSOA, 2005b: 145]

Outra vez a Morte é plácida: se, no supracitado soneto de 1910, o poeta ansiava participar de uma Noite que lembra a Morte, neste soneto é a Morte que participa do poeta, como “corpo da [sua] parte espiritual”. Tal Morte não tem fim (“abarca a imensidão”), nem tempo (“não é sentido e mutação”).

5. A Temporalidade

Busquemos agora um soneto que defina o sentido da Temporalidade em Pessoa. Nada melhor do que uma ocasião de um ano novo para tratar da passagem do tempo, oportunidade que o poeta aproveita no seguinte poema:

⁹ Com o acrescento de “irreaes” à primeira versão do *incipit*, o metro iâmbico é quebrado, e o verso torna-se endecassílabo, enquanto todos os demais são decassílabos. Minha opinião é que Pessoa teria eventualmente cortado “teus” do verso, que assim ficaria estritamente iâmbico. Como, porém, não posso responder pelo poeta, edito aqui a versão claramente em estado de rascunho.

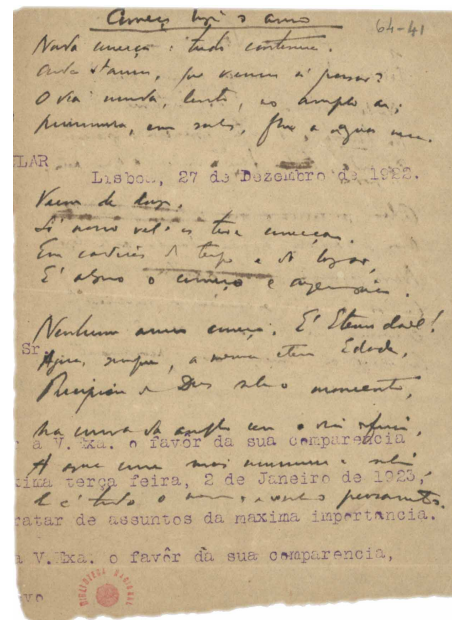
Começa hoje o anno

Nada começa: tudo continua.
Onde stamos, que vemos só passar?
O dia muda, lento, no amplo ar;
Murmura, em sombras, flue a agua nua.

Veem de longe, □
Só nosso vel-as teve começar.
Em cadeias de tempo e de logar,
É abysmo o começo e *agua *nua¹⁰.

Nenhum anno começa. É Eternidade!
Agora, sempre, a mesma eterna Edade,
Precipicio de Deus sobre o momento,

Na curva do amplo ceu o dia esfria,
A agua corre mais murmura e sombria
E é tudo o mesmo, e verbo o pensamento.



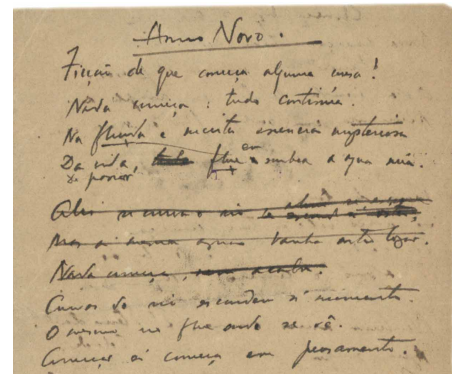
[Fig. 9. Poema de Fernando Pessoa, datado de 1-1-1923; BNP/E3, 64-41^v; cf. PESSOA, 2001: 48]

Investigando o princípio de um momento, Pessoa constata um Tempo tão imutável quanto a Morte no soneto “Mors”: o tempo *não* passa, e as coisas só começam em nossa falha percepção delas: “Só nosso vê-las teve começar”. No fragmento de poema no verso de “Começa hoje o anno” (uma versão incompleta do mesmo soneto), o poeta sintetiza essa percepção na linha final: “Começar só começa em pensamento”.

Anno Novo

Ficção de que começa alguma cousa!
Nada começa: tudo continúa.
Na /fluida/¹¹ e incerta essencia misteriosa
De passar, /flue/ em sombra a agua nua.

Curvas do rio escondem só momento.
O mesmo rio flue onde se vê.
Começar só começa em pensamento.



[Fig. 10. Versão de “Começa hoje o anno”, de 1-1-1923; BNP/E3, 64-41^v; cf. PESSOA, 2001: 49]

¹⁰ À primeira vista, lemos no fim do verso a palavra “auzencia”, como as demais edições deste poema. No entanto, o esquema rímico do soneto indica que tal palavra deveria rimar com continua/nua – e a métrica deveria ser decassilábica. O v. 5 está incompleto – donde se poderia conceber uma alteração rímica, com o poeta abandonando a rima “A” (continua/nua) da primeira estrofe em prol de um novo som (como o da terminação de “auzência”, ou então, “agonia”) – mas, em princípio, é improvável.

¹¹ Indico entre barras (como neste /exemplo/) as palavras dubitadas pelo poeta no testemunho.

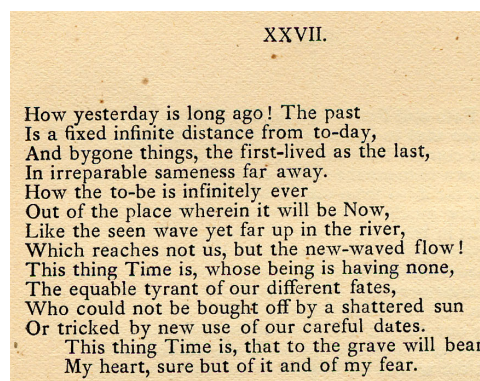
A imutabilidade do agora – ou eternidade –, argumentada por Parmênides no célebre diálogo de Platão (séc. IV a.C.), está no âmago deste soneto pessoano, que o define belamente como “Precipício de Deus sobre o momento”.

A visão do tempo como um momento infinito, que passa apenas na aparência, em essência sendo sempre o mesmo, é resumida pela palavra sânscrita “*atha*” na filosofia yógica (VIVEKANANDA, 1956): estar “no agora” seria o propósito de toda busca espiritual que, quando logrado, levaria à realização paradoxal de que tudo é novo, ainda que nada jamais mude; ainda em termos de yoga, as flutuações do pensamento (*vruttis*¹²) é que acarretariam a percepção de que o tempo passa, dado o nosso ego identificar-se com tais flutuações, resultando isso na errância do pensamento.

Portanto, o tempo teria duas faces: uma esconde a eternidade; a outra é pura irreversibilidade, encarnada pela feroz imagem mitológica de *Cronos*¹³ comedor de filhos, i.e., nós humanos. É sobre essa segunda imagem do Tempo devorador que Pessoa escreve o “Sonnet XXVII”, diametralmente oposta à do eterno agora.

Sonnet XXVII

How yesterday is long ago! The past
Is a fixed infinite distance from to-day,
And bygone things, the first-lived as the last,
In irreparable sameness far away.
How the to-be is infinitely ever
Out of the place wherein it will be Now,
Like the seen wave yet far up in the river,
Which reaches not us, but the new-waved flow!
This thing Time is, whose being is having none,
The equable tyrant of our different fates,
Who could not be bought off by a shattered sun
Or tricked by new use of our careful dates.
This thing Time is, that to the grave will bear
My heart, sure but of it and of my fear.



[Fig. 11. Testemunho da publicação dos 35 Sonnets; cf. PESSOA, 1918: 18 & 1993: 80]

A *Volta* (o verso 9), tradicionalmente introduzindo uma reviravolta no soneto (e, assim, revelando o cerne do argumento), neste poema define o que é o

¹² Palavra sânscrita. Os *Yoga-Sutras* de Patânjali listam cinco *vruttis*, ou espécies distintas de flutuações do pensamento: conhecimentos corretos, conhecimentos falsos, dúvidas, memórias e sonhos (VIVEKANANDA, 1956).

¹³ Na *Teogonia* de Hesíodo, o titã *Cronos* teme a profecia de que seria sobrepujado por seus próprios filhos e decide devorá-los, até ser enganado por sua consorte, que esconde Zeus (o sexto filho do casal). *Cronos* seria posteriormente identificado com *Chronos*, a divindade de três cabeças (homem, touro e leão) que girava a roda do Zodíaco e, assim representava o Tempo em movimento. A fusão de *Cronos* e *Chronos* geraria uma série de interpretações sobre o “Tempo Devorador”.

Tempo: “This thing Time is, whose being is having none”; numa tradução possível, o Tempo é *coisa cujo ser é não ter ser algum*, mas que, sendo nada, tiranicamente equaliza os destinos mais diversos (“our different fates”), jamais se deixando enganar por nossa mera troca de datas (“tricked by new use of our careful dates”).

6. A Noite & a Morte

Semelhante à impotência perante o Tempo é a sensação de fatalidade perante a Noite, no soneto que escolhemos para ilustrar a identidade entre Noite & Morte.

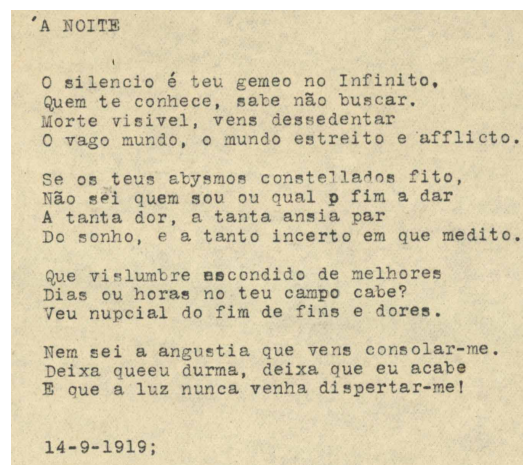
Á¹⁴ Noite

O silencio é teu gemo no Infinito.
Quem te conhece, sabe não buscar.
Morte visível, vens dessedentar
O vago mundo, o mundo estreito e afflicto.

Se os teus abysmos constellados fito,
Não sei quem sou ou qual o fim a dar
A tanta dor, a tanta ansia par
Do sonho, e a tanto incerto em que medito.

Que vislumbre escondido de melhores
Dias ou horas no teu campo cabe?
Veu nupcial do fim de fins e dores.

Nem sei a angustia que vens consolar-me.
Deixa que eu durma, deixa que eu acabe
E que a luz nunca venha despertar-me!



[Fig. 12. Testemunho do soneto “Á Noite”, de 14-9-1919; BNP/E3, 58-82; cf. PESSOA, 2005a: 215]

Mais uma vez o poeta dramatiza o desejo de se fundir à Noite (com seus “abismos constelados”), aqui explicitamente igualada à Morte – “Morte visível”, ante a qual é inútil vislumbrar “melhores dias ou horas”, visto que é sono eterno, “fim dos fins e dores”.

Num outro soneto em que a Noite se mescla à Morte, a escuridão vem cobrir uma paisagem em que tudo é morto; o véu noturno busca engolfar a morte, passando a representá-la; esta Noite, contudo, não apaga a Morte, visto que há luar: um luar que acentua a paisagem moribunda, em vez de suavizá-la.

¹⁴ Seguindo o testemunho, mantenho o acento agudo que, na ortografia presente, seria grave, indicativo de crase.

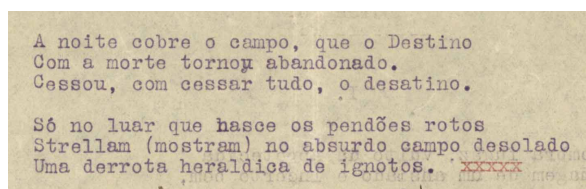
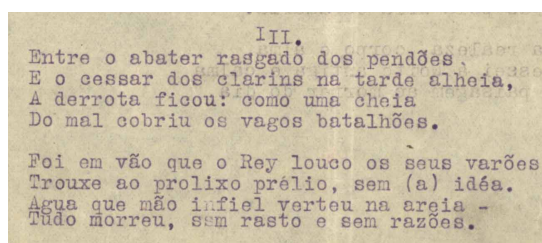
Abdicação III

Entre o abater rasgado dos pendões
 E o cessar dos clarins na tarde alheia,
 A derrota ficou: como uma cheia
 Do mal cobriu os vagos batalhões.

Foi em vão que o Rey louco os seus varões
 Trouxe ao prolixo prélio, sem a idéa.
 Água que mão infiel verteu na areia –
 Tudo morreu, sem rasto e sem razões.

A noite cobre o campo, que o Destino
 Com a morte tornou abandonado.
 Cessou, com cessar tudo, o desatino.

Só no luar que nasce os pendões rotos
 Mostram no absurdo campo desolado
 Uma derrota heraldica de ignotos.



[Figs. 13 & 14. Soneto “Abdicação III”,
 de 18-9-1917; BNP/E3, 58-62^r & 58-62^v;
 cf. PESSOA, 2005a: 158]

Nesta fatal paisagem a anoitecer, Pessoa descreve o que resta do “Rei louco” (i.e., Dom Sebastião) de modo muito distinto do que o faz na “Quinta Quina” de *Mensagem*, em primeira pessoa: “Louco, sim louco [...] | Por isso onde o areal está | Ficou meu ser que houve, não o que ha”. Aqui, sob o luar do soneto *Abdicação III*, nada há além de pura derrota, sem luz de glória no apagar noturno.

7. A Noite & a Temporalidade

Não é só à Morte que a Noite se iguala, também se confundindo com a Temporalidade em “Sub Umbrâ” (do Latim: “Sob a Sombra”), poema de Alexander Search.

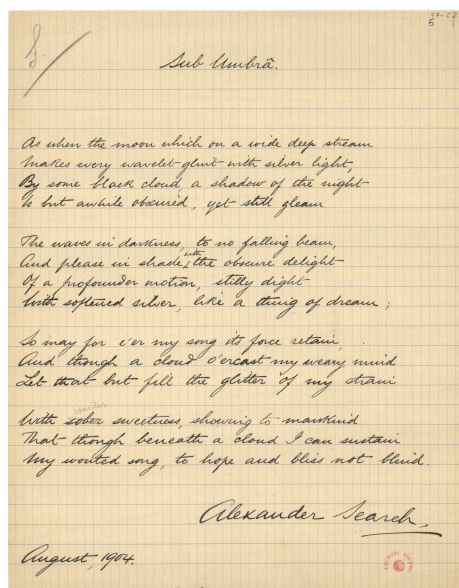
Sub Umbrâ

As when the moon which on a wide deep stream
Makes every wavelet glint with silver light,
By some black cloud, a shadow of the night
Is but awhile obscured, yet still gleam

The waves in darkness, to no falling beam,
And please in shade with the obscure delight
Of a profounder motion, stilly dight
With softened silver, like a thing of dream;

So may for e'er my song its force retain,
And though a cloud o'ercast my weary mind
Let that but fill the glitter of my strain

With staid sweetness, showing to mankind
That though beneath a cloud I can sustain
My wonted song, to hope and bliss not blind.



[Fig. 15. Poema de Alexander Search,
Agosto de 1904; BNP/E3, 77-62^r 15;
cf. PESSOA, 1997: 290-291]

Este soneto, metalinguístico como na tradição shakespeariana (ainda que não siga a forma shakespeariana 4.4.4.2), elabora em seus oito primeiros versos uma comparação com a noite, simbolizada pela lua que, mesmo momentaneamente atrás de nuvens, ainda brilha (“yet still gleam”). A Noite, portanto, apresenta duas faces de Temporalidade: de um lado, a *passageira* nuvem eclipsante e, de outro, a *duradoura* lua reluzente.

Nos tercetos, a metalinguagem subitamente se mostra, aproveitando a dupla temporalidade da metáfora noturna: possa a força da canção perdurar (como a lua), mesmo que algo momentaneamente nuble a mente fatigada do poeta. A *Volta* do poema é significativa, a um tempo sintetizando a metáfora e a metalinguagem (“So may for e'er my song its force retain”) e ecoando a *Volta* também metalinguística do soneto XVII de Shakespeare, em que o poeta inglês igualmente se preocupa com o futuro de suas rimas, imaginando-as avelhantadas: “So should my papers, yellowed with their age...”

8. A Morte & a Temporalidade

Se, nos sonetos pessoanos, a Noite se irmana à Morte e à passagem do Tempo, numa terceira combinação possível dessas personagens também a Morte e a Temporalidade se identificam, como no poema a seguir:

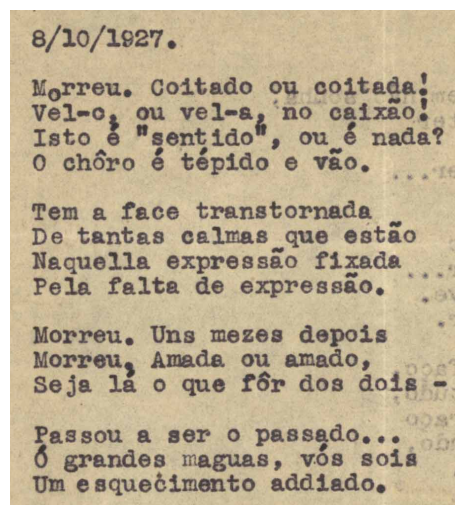
¹⁵ Há um outro testemunho do poema, manuscrito, na cota BNP/E3, 144N-4^r.

Morreu. Coitado ou coitada!
 Vel-o, ou vel-a, no caixão!
 Isto é "sentido", ou é nada?
 O chôro é tépido e vão.

Tem a face transtornada
 De tantas calmas que estão
 Naquella expressão fixada
 Pela falta de expressão.

Morreu. Uns meses depois
 Morreu. Amada ou amado,
 Seja lá o que fôr dos dois —

Passou a ser o passado...
 Ó grandes maguas, vós sois
 Um esquecimento addiado.



[Fig. 16. Testemunho datado de 8-10-1927;
 BNP/E3; 60-9°; cf. PESSOA, 2001: 105-106]

Trata-se de um soneto em redondilha maior, raro em Pessoa¹⁶. Ao misturar-se com a Temporalidade, a Morte se torna *esquecimento*. O verso final traz uma imagem que lembra o famoso poema “D. Sebastião, Rei de Portugal” de *Mensagem*, que finda assim:

Sem a loucura o que é o homem
 Mais que a besta sadia,
 Cadaver addiado que procria?

(Pessoa, 1934, 35)

Tanto esta imagem de um “cadáver adiado” quanto a de “um esquecimento adiado” sugerem uma certa morte cuja presença já se sente, mas cuja realização total se adia; comparando as expressões, poderíamos considerar o “esquecimento adiado” (a morte que ainda vive na memória) *ainda mais mortal* do que o “cadáver adiado” (a vida que já morre).

A Morte como Esquecimento está no coração do poema “Aniversário” do heterônimo Álvaro de Campos que, embora não esteja no *corpus* dos sonetos pessoanos, em seu clímax encarna a terrível equação Morte + Tempo = Esquecimento Adiado...

Hoje já não faço anos.
 Duro.
 Somam-se-me dias.

(PESSOA, 1999: 174)

¹⁶ Note-se que, para o v.14 ser septissílabo, é preciso ler a palavra “adiado” como trissílabo (a-dyá-do); ou, como sugere a professora Cleonice Berardinelli, ler: “U’es-que-ci-men-toa-di-a-do”.

Na vertigem temporal do poema “Tabacaria”, o mesmo Campos leva o esquecimento do mundo a outras dimensões de desaparecimentos:

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, e eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.

(PESSOA, 1999: 154)

Mesmo após tanto esquecimento, Campos reconhece que algo permanece, pois os versos seguintes de “Tabacaria” dizem:

Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo de coisas como tabuletas,
Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra, [...]

(PESSOA, 1999: 155)

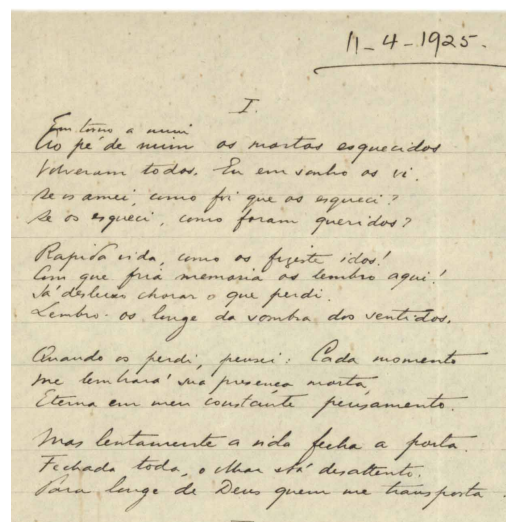
Voltando aos sonetos, mesmo quando a Morte é Esquecimento, os “mortos-esquecidos” retornam, invadindo a lírica de Fernando Pessoa, que lhes dedica um ciclo de quatro sonetos, principiando por indagações pasmadas ante o poder mortal do tempo:

Em torno a mim os mortos esquecidos
Volveram todos. Eu em sonho os vi.
Se os amei, como foi que os esqueci?
Se os esqueci, como foram queridos?

Rápida vida, como os fizeste idos!
Com que fria memória os lembro aqui!
Já desleixo chorar o que perdi,
Lembro-os longe da sombra dos sentidos.

Quando os perdi, pensei: Cada momento
Me lembrará sua presença morta,
Eterna em meu constante pensamento.

Mas lentamente a vida fecha a porta.
Fechada toda, o olhar stá desattento.
Para longe de Deus quem me transporta?



[Fig. 17. Testemunho datado de 11-4-1925;
BNP/E3; 59-54; cf. PESSOA, 2001: 81]

9. A Noite, a Morte & a Temporalidade

Noite, Morte, Temporalidade, de tantos modos combinadas, também surgem como *tríade completa* nos sonetos de Pessoa, especialmente no poema *Abdicação V*.

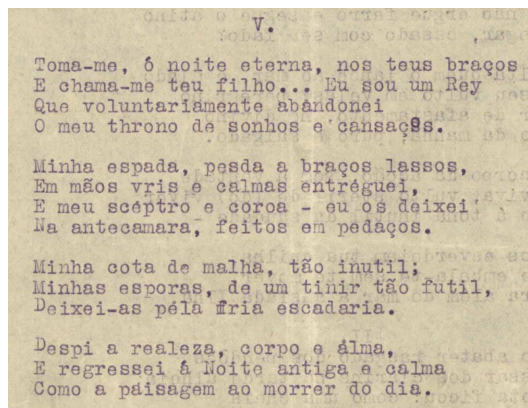
Abdicação V

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho... Eu sou um Rey
Que voluntariamente abandonei
O meu throno de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,
Em mão viris e calmas entreguei;
E meu sceptro e coroa — eu os deixei
Na antecâmara, feitos em pedaços.

Minha cota de malha, tão inútil,
Minhas esporas de um tinir tão fútil,
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realza, corpo e alma,
E regresssei á Noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.



[Fig. 18. Testemunho datado de 18-9-1917;
BNP/E3, 58-62v; cf. PESSOA, 2005a: 159]

Eis o quinto soneto de uma série de sete poemas, agrupados sob o título geral “Abdicação”. O poema V, porém, destaca-se como o clímax da série; sua conclusão “ao morrer do dia” funde Noite, Morte e Temporalidade, dissolvendo-os numa só substância; e, na dissolução, envolvem o poeta abdicante.

Neste anoitecer (“ao morrer do dia”), a Noite-Morte é mãe, e o poeta-filho volta ao ventre em entrega de sua individualidade. Há algo transcendente no poema: uma alegoria da abdicação do ego, em prol de algo que o envolve com um Ser maior... tornando irrelevantes a ação ou inação do poeta – seus fracassos ou vitórias.

Na filosofia yógica, agir ou não agir *não* é a questão – pois é impossível não agir. O ato ou processo de abdicar é, contudo, considerado uma elevada ética, sendo o quinto e último princípio “nyama” (as não-abstenções) proposto pelos *Yoga-Sutras* (VIVEKANANDA, 1956): “Īśvara praṇidhānāni”. Trata-se da entrega total ao Ser Supremo (Īśvara), não necessariamente relacionado a uma divindade pessoal.

Portanto, “abdicar” é a grande ação de que um yogi não se deve abster. Embora paradoxal (*não abdicar de abdicar*), trata-se da conduta de um buscador espiritual: a rendição do ego perante o Ser, da vontade individual à Universal.

Não recorro por acaso à espiritualidade oriental nesta leitura de “Abdicação V”. A mitologia yógica ressurge no segundo poema do ciclo *O Halo Negro*, um texto de Pessoa ainda pouco conhecido – e o último soneto que visitaremos, símbolo final da tríade Noite-Morte-Temporalidade. Para compreendermos o segundo poema de “O Halo Negro”, porém, é preciso ler o primeiro. Seguem ambos os sonetos:

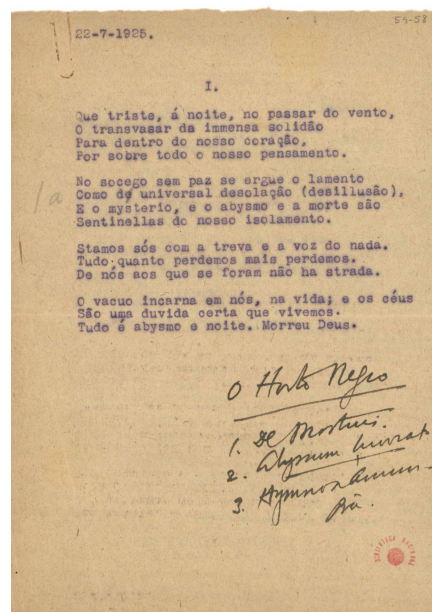
O Halo Negro I – *De Mortuis*

Que triste, á noite, no passar do vento,
O transvasar da imensa solidão
Para dentro do nosso coração,
Por sobre todo o nosso pensamento.

No socego sem paz se ergue o lamento
Como da universal desillusão,
E o mysterio, e o abysmo e a morte são
Sentinellas do nosso isolamento.

Stamos sós com a treva e a voz do nada.
Tudo quanto perdemos mais perdemos.
De nós aos que se foram não ha strada.

O vacuo incarna em nós, na vida; e os céus
São uma duvida certa que vivemos.
Tudo é abysmo e noite. Morreu Deus.



[Fig. 19. Testemunho datado de 22-7-1925;
BNP/E3; 59-58; cf. PESSOA, 2001: 87]

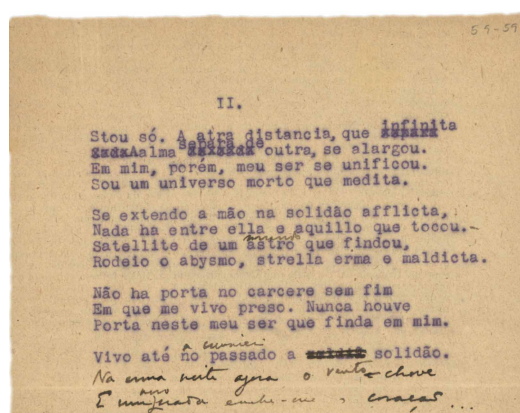
O Halo Negro II – */Abyssum Invocat/*

Stou só. A atra distancia, que infinita
A alma separa de outra, se alargou.
Em mim, porém, meu ser se unificou.
Sou um universo morto que medita.

Se extendo a mão na solidão afflicta,
Nada ha entre ella e aquillo que tocou.
Satellite de um mundo que findou,
Rodeio o abysmo, strella erma e maldicta.

Não ha porta no carcere sem fim
Em que me vivo preso. Nunca houve
Porta neste meu ser que finda em mim.

Vivo até na consciencia a solidão.
Na erma noite agora o vento chove
E um novo nada enche-me o coração...

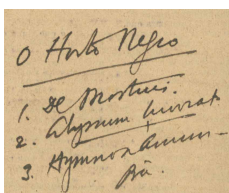


[Fig. 20. Testemunho datado de 22-7-1925;
BNP/E3; 59-59; cf. PESSOA, 2001: 87-88]

Na edição crítica da Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Castro, 2001) este poema foi publicado sem título, e não há menção à nota manuscrita de Pessoa, abaixo do texto datilografado. Lê-se no testemunho do primeiro soneto:

O Halo Negro

1. De Mortuis
2. /Abyssum Invocat/
3. Hymno a Amun-Rá



[Fig. 21. Esquema do tríptico
"O Halo Negro", BNP/E3, 59-58]

Com tal nota, Pessoa parece não apenas intitular o soneto que começa "Que triste, á noite...", mas um inteiro tríptico que este soneto inicia.

Que quer dizer "O Halo Negro", nome do ciclo inaugurado pelo poema acima? Ou melhor, que argumentos o primeiro soneto apresenta para iniciar uma série de poemas de denominação tão sombria?

O primeiro poema, individualmente, recebe o título "De Mortuis", uma abreviatura da expressão latina "De mortuis nihil nisi bonum". Literalmente traduzível por "Dos mortos, nada a não ser bom", essa expressão indica ser socialmente inapropriado dizer algo negativo sobre uma pessoa recentemente falecida: a expressão vem de uma frase latina mais longa: "de mortuis nil nisi bonum dicendum est". Mas, por que dar este título ao poema? Alguém parece ter falecido no contexto desses versos? A resposta irrompe nas últimas duas palavras do soneto, em que Pessoa, ecoando Nietzsche, declara "Morreu Deus" – sintetizando e personificando a sensação de imensa solidão que permeia o texto. O título "De Mortuis", portanto, não poderia ser mais apropriado.

A Noite é a própria paisagem em que o poema se tece, na ausência de luz ou de vida ou – como o poeta revela ao fim do texto – de um conceito de Deus. Curiosamente, porém, há um conceito oriental de "Deus" que parece caber justamente nesta ausência.

Há uma alegoria hindu chamada "A Noite de Brahma", com a qual proponho interpretar não apenas este soneto, mas também o que se segue na guirlanda, fundindo, assim, não só os signos da Noite e da Morte (explícitos nos poemas), mas também o da Temporalidade.

Na trindade hindu, ao lado de *Vishnu* (o Mantenedor) e *Shiva* (o Dinamizador) *Brahma* ocupa o papel de Criador. Um "Dia de Brahma" equivale à existência do universo como o conhecemos (digamos o espaço de tempo entre o *Big Bang* e um Apocalipse que findasse tudo). Segue-se a este período "A Noite de Brahma", de tempo igual ao do Dia, só que na ausência de tudo...

Se lermos o soneto I como dramatização do crepúsculo de um "Dia de Brahma", o soneto II passa a descrever a Pura Noite, a Noite Absoluta, a Noite de Brahma.

Tal como no soneto I do mesmo ciclo, o título do segundo poema vem de uma expressão latina; neste caso, do “Salmo 41” da Vulgata: “*Abyssus abyssum invocat*”, i.e., “O abismo o abismo chama”. Na versão simplificada do título de Pessoa, *Abyssum Invocat* (que não contém a primeira palavra), uma tradução possível é “Chama o Abismo”. Mas, quem chama o abismo? O outro abismo que é o poeta em solidão? O abismo de não haver Deus após o primeiro soneto de “O Halo Negro”?

“A Noite de Brahma” (introduzida no soneto anterior), ou “O Abismo Invocado” (no título de Pessoa), é um cenário simbólico donde este poema parece brotar. O quarto verso de “*Abyssum Invocat*” sintetiza este cenário, definindo o sujeito com uma beleza impressionante:

Sou um universo morto que medita.

Brahma, o Deus da criação, está dormindo, numa grande Noite. Ora, se nada existe além de Brahma, essa Noite é igual à *Morte*. Se tudo é nada, a Temporalidade está congelada – e tudo ocorre para além do tempo, na meditação bramânica do poeta.

Bibliografia

- BERARDINELLI, Cleonice (2004). *Fernando Pessoa: Outra vez te revejo*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores.
- ____ (1959). *Poesia e Poética de Fernando Pessoa*. Tese de livre-docência pela UFRJ. Cópia digital gentilmente cedida pela autora.
- ____ (1965). “A geração de 70 e a geração de Orpheu”, in *Fernando Pessoa: Outra vez te revejo*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004, pp. 50-70.
- BORGES, Jorge Luis (2011). *Poesía Completa*. Barcelona: Lumen.
- ____ (1967-68). *The Craft of Verse: The Norton Lectures*. Internet: UbuWeb Sound.
- BYRON, Lord (1905). “Hebrew Melodies”, in *The Poetical Works of Lord Byron*. Edited by Ernest Hartley Coleridge. London: John Murray.
- CAVALCANTI FILHO, José Paulo (2011). *Fernando Pessoa: uma quase autobiografia*. Rio de Janeiro: Record.
- GARCEZ, Maria Helena Nery (1981) “Fernando Pessoa & Antero de Quental: uma subversão do soneto”, in *Persona*, n.º 5, Porto [Centro de Estudos Pessoaanos], pp. 9-13.
- LORCA, Federico García (1928). *Romancero Gitano*. Santiago de Chile: Editorial Moderna.
- MONIER-WILLIAMS, M. (2008). *Sanskrit-English Dictionary*. Oxford: Indica et Buddhica. (Baseado em MONIER-WILLIAMS, M., 1899, *A Sanskrit-English dictionary etymologically and philologically arranged with special reference to cognate Indo-European languages*).
- PESSOA, Fernando (2014). *Obra Completa – Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello; colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- ____ (2006). *Poesia 1931-1935 e Não-datada*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2005a). *Poemas 1915-1920*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2005b). *Poesia 1902-1917*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2004). *Poemas 1931-1933*. Edição crítica de Luís Prista. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2001). *Poemas 1921-1930*. Edição crítica de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1999). *Poemas de Álvaro de Campos*. Fixação do texto, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ____ (1997). *Poemas de Alexander Search*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1994). *Poemas Completos de Alberto Caeiro*. Recolha, transcrição e notas de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Presença.
- ____ (1993). *Antinous, Inscriptions, Epithalamium, 35 Sonnets*. Edição crítica de João Dionísio. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1934). *Mensagem*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira.
- ____ (1918). *35 Sonnets*. Lisboa: Monteiro & Co.
- PITTELLA, Carlos. *Pequenos Infinitos em Pessoa: uma aventura filológica e literária pelos sonetos de Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Tese de doutoramento disponível na biblioteca da PUC, 2012.
- PIZARRO, Jerónimo. (2012). *Pessoa Existe?* Lisboa: Ática. Ensaística Pessoaana.
- PIZARRO, Jerónimo; Ferrari, Patricio; Cardiello, Antonio (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa*. Edição bilingue. Lisboa: D. Quixote.
- QUENTAL, Antero (2010). *Os Sonetos Completos de Antero de Quental*. Tradução parcial em língua inglesa por Fernando Pessoa; nota prévia, transcrições e posfácio, por Patricio Ferrari.

- Lisboa: Babel.
- ____ (1886). *Os Sonetos Completos de Anthero de Quental*. Publicados por J. P. Oliveira Martins.
Porto: Livraria Portuense de Lopes.
- SHAKESPEARE, William (1609). *The Sonnets*. London: Thomas Thorpe.
- VIVEKANANDA, Swami (1956). *Raja-Yoga*. New-York: Ramakrishna-Vivekananda Center.